



HESPAÑHA — O CANAL IMPERIAL DE ARAGÃO.

O CANAL de Aragão começou-se no governo do imperador Carlos V, pelos annos de 1527 ou 1528. O seu fim primordial fôra promover a irrigação de grandes tractos de terra por cultivar. Os primeiros trabalhos consistiram no estabelecimento de uma represa de aguas, no territorio de Fontellas, a uma legua de Tudela, nos limites que separam a Navarra do Aragão. Fizeram-se as construcções necessarias á represa, a estação de embarcadouro, e algumas casas que deviam servir de armazens. O canal prolongou-se em breve até ás cercanias de Saragoça, n'uma extensão de cerca de 112 kilometros. Nesta extensão atravessava subterraneamente, em tres partes, o pequeno rio Jalou, por tres aqueductos; depois cortava uma collina, que fôra mister escavar na altura de 12 metros. Esta dispendiosa obra inutilizou-se pouco depois de se haver concluido; o canal obstruiu-se, e foi abandonado, e esquecido durante mais de dois seculos. Quando Carlos III, chamado, pela morte de seu irmão Fernando VI, á successão da corôa das Hespanhas e das Indias, passou por Saragoça em direcção á capital dos seus novos estados, foi-lhe pedida a con-

tinuação do canal: o monarcha assim o prometteu, ordenando que o primitivo projecto fosse ampliado, servindo assim á rega dos campos, como á navegação. Alguns ensaios se fizeram neste sentido sem resultado algum; muitos planos foram rejeitados pelos sabios a cujo exame tinham sido previamente submettidos. Finalmente a direcção das respectivas obras foi commettida a um conego da cathedral de Saragoça, Ramon Pignatelli, homem energico e entendido. Graças á sua firmeza e actividade os trabalhos proseguiram com perseverança. Estabeleceu-se uma grande portagem sobre o Ebro, a pouca distancia da antiga represa de Carlos V. Construiu-se no mesmo logar a *casa das comportas*, destinada a dar passagem ás aguas que deviam alimentar o canal. Uma éclusa de 39 metros permittia a entrada do canal aos barcos que se dirigiam para o Ebro superior. Em torno plantaram-se lindas alamedas; edificou-se uma capella, e vastos armazens; e aquelle sitio, outr'ora deserto, tornou-se em pouco tempo n'uma agradável povoação.

O canal, segundo os projectos de Pignatelli, des-





tinava-se a communicar a Navarra directamente com o Mediterraneo, e devia chegar até á aldêa de Sasago, a 130 kilometros de Saragoça; mas os trabalhos suspenderam-se a duas leguas d'esta cidade. Os successores de Pignatelli encontraram um solo pouco consistente, muito permeavel, e não conseguiram dar ás construcções a solidez necessaria para resistirem á pressão das aguas. A epocha da perseverança passára tambem, e os consideraveis meios destinados para semelhante obra foram pouco a pouco escaceando. A invasão de 1808 veio paralyzar os trabalhos, que pararam de todo pouco depois, limitando-se a empresa a conservar o que estava feito.

Apesar do desgraçado abandono de tão importante obra, é mister confessar que ella assim mesmo tem prestado notaveis serviços, e ainda hoje não pôde considerar-se inutil. Avalia-se em 10:000 hectares a quantidade de terreno entregue á cultura por virtude da irrigação promovida, em grande parte, por este canal.

Ora, juntando á somma das contribuições que pagam os proprietarios d'aquelles 10:000 hectares fertilizados, o producto, aliás consideravel, das concessões de aguas do mesmo canal, acha-se um resultado, que ainda que seja, como é realmente, muito inferior ao que seria se as obras proseguissem, é contudo de bastante importancia para não se poderem reputar perdidos os grandes capitales consumidos na construcção do canal imperial.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### Prologo.

Todos hoje sabem que a nossa historia patria não está n'esses livros mais ou menos famosos, que correm com o titulo de Chronicas, e outros semelhantes. A historia patria começa a ser procurada nas suas verdadeiras fontes. E as verdadeiras fontes da historia são os documentos archivados nos cartorios, os monumentos lavrados na pedra, ou no bronze; e não a phantasia dos chronistas, e as lendas dos agiologos. Um documento bem interpretado, e devidamente desfiado pela critica sã e imparcial, descobre mais verdades, dá maior claridade e luz aos tempos passados, do que todas essas pomposas, e ás vezes formosas, composições de chronistas, que podem muito bem ser modelos de eloquencia, exemplares de estylo, auctoridades de linguagem; mas raras vezes verdadeiro espelho, onde se retractem as feições dos homens, e das cousas das passadas eras.

Sobre essas solidas bases dos documentos se está erigindo hoje entre nós por mão de mestre um novo e grande edificio da nossa historia, o qual já começou a receber, e continuará a patentear ao publico muita verdade encoberta, e a destruir muito erro inveterado.

Mas ainda assim fica larga margem para novas indagações; ainda dos cartorios se podem desentranhar materiaes para novos e não inuteis descobrimentos; ainda nas paredes derrocadas de um velho monumento, nas pedras sepultadas debaixo dos entulhos, na inscripção semi-apagada e coberta de musgo se pôde decifrar uma noticia de aproveitar.

Por outra parte a nossa natural curiosidade não se contenta com os largos traços de uma historia geral; pretende e busca com ardor particularisar os successos, ou por acontecidos em determinadas epo-

chas, ou por passados em certos e limitados tractos de territorio.

O sabor d'estas pequenas monographias deriva-se muitas vezes de condições especiaes dos auctores e leitores; mas colligidas e comparadas entre si são ellas poderosos auxiliares, são até rica mina, d'onde o genio dos que Deus inspirou para a elevada missão de historiadores, pôde extrahir os quadros geraes, que procura desenhar.

— Confiando eu pois que não seria de todo perdido o trabalho gasto em acarretar alguma pequena pedra para esse gigante edificio da historia, tirei alguns momentos de outras occupações para ordenar estas pequenas *memorias* da pequena villa, onde a sorte me fez nascer.

Eil-as ahí vão, não como eu desejava que fossem; mas conforme pôde ser em attenção á escassez das noticias, que nos restam, e que pude colher á mão.

Divido-as em tres partes. Na primeira trato das *memorias civis e militares*: na segunda das *memorias ecclesiasticas*: na terceira das *memorias biographicas*.

São acompanhadas no original de grande numero de documentos, que servem para comprovar o texto, e podem de mais a mais servir a outras investigações, a que eu me não propuz; que esta é a vantagem dos documentos conservados na sua integra, servirem a todos, e para tudo. Mas não se assustem os leitores, e principalmente as leitoras do *Panorama*. Esses pergaminhos de barbaro latim; esses instrumentos em portuguez ferreo e macisso dos tempos da primeira dynastia, não virão embaciar o lustre e elegancia do *Panorama*. Ficam reservados na pasta para quando embora saírem estas *memorias* em volume sobre si. E o *Panorama* assaz garrido e taul; é tão bem acceto nos salões, entre cavalleiros e donas; é tão affavelmente recebido em camarins perfumados de senhoras; e teve tão boa criação desde que nasceu, que não se dobraria por prego algum a desdizer-se de sua antiga e conhecida louçania e policia; nem a entoar as vozes roncadas e aspero estylo de gerações rudes, onde apenas se devem ouvir as harmonias e doçuras de cortezãos.

Não julgueis porém que me abalanco a muito em ficar assim por fiador das intenções do *Panorama*. Sabem os antigos leitores, e saibam agora os novos, que eu e o *Panorama* somos dous amigos velhos, que nos conhecemos desde a infancia, e que agora, quando depois de longa ausencia e varia fortuna de parte a parte nos tornamos já encanecidos a encontrar no antigo posto, estreitamos os laços de boa camaradagem, e esperamos em Deus que cada um de nós não deixe o outro envergonhado.

Dadas assim as necessarias satisfações de auctor, e feitas as devidas cortezias de recém-chegado, encetemos a materia.

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Salino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.  
Valha a desculpa, se não vale o canto!

### III.

Um viajante, que viveu entre nós pelo fim do seculo passado. Beckford, o senhor da abbadia de Fouthill,



no meio de muitos retractos espirituosos da côrte e da sociedade portugueza, deixou-nos desenhado, ao correr do lapis, um esboço da physionomia de Bocage na epocha, em que o poeta voltava á patria.

Aquelle pallido e extraordinario mancebo, que viajava ao seu lado, e que via passeiar na tolda; aquelle moço (diz elle) que era a creatura mais extravagante, e mais *sui generis*, que Deus talvez creasse, deu nos olhos ao estrangeiro, e causou-lhe uma sensação que o tempo e a ausencia não destruiram. E o dom dos engenhos predestinados. Antes mesmo de levantarem a cabeça acima dos homens, descobriam-se-lhes o que quer que seja de notavel, que obriga o mundo a deter-se e a lembrar-se de que os encontrou!

Segundo Beckford o descreve, Elmano era pouco expansivo de indole, e dado á melancolia; commungava mais com os seus pensamentos, do que se dirigia aos estranhos; e como succede com os genios assim formados, tinha alguns dias de alegria e excentricidade, que vinham, quando menos se esperavam, como o sol de inverno, e faziam da sua conversação uma tela variadissima e brilhante, em que se bordavam os ditos graciosos, os rasgos da mais delirante jovialidade, os repentinos e as allusões satyricas. Nestes dias era impossivel o enfado ao lado d'elle; o riso acompanhava-o sem fadiga.

No meio do continuo tiroteio de chistes e narrações picantes cedia e entregava-se facilmente á familiaridade, e não custava nada então a insinuar-se, e a obter d'elle a confidencia de qualquer das suas produções. Referindo uma destas scenas de bordo, acrescenta o inglez que o ouvira repetir diversas poesias, em que os toques mais patheticos se uniam á profundidade das idéas, e que não fôra senhor de si, sentindo-se estremeado e arrebatado. Em verdade (exclama), pôde affirmar-se que este ente singular possui o segredo de encantar; se lhe apraz, e sem o menor esforço, exalta, subjuga, ou petrifica um auditorio!

Eis accusados de longe os defeitos e as qualidades caracteristicas de Bocage. E elle todo; e assim o acharemos sempre desde os primeiros desvios e desregramentos da mocidade; dominado pela emulação e pelo orgulho; devorado da sede dos applausos; inquieto e inimigo da vida tranquillã, que lhe proporcionaria uma carreira. Até á morte nunca se desmentiu.

Chegado a Lisboa, a inclinação pelas novidades, e as tendencias voluveis, impelliam-no a atar ligações e a rompê-las, sem motivo sufficiente em nenhum dos casos. Correndo como cego atraz do louvor, receioso de que o talento não bastasse para o attrahir, desconfiado de o prezarem menos do que valia; e armando á aura pública, mesmo a preço de aberrações, que a religião das letras não perdoa, Elmano mais de uma vez abaixou a penna á obscena imitação do Aretino, e envergonhou o estro com impiedades, tanto menos desculpaveis, quanto forgava o animo para agradar aos dissolutos instigadores, que o arrastavam. Nesta vida de desgostos e vicissitudes, gastou a virtude do espirito, deixou de amadurecer os preciosos dotes do engenho; e arruinada a constituição, debil de si mesma, abreviou os dias que, de outro modo regulados, seriam para elle de perenne triumpho, e para a litteratura nacional de summa gloria. Deus não quiz!

As primeiras discordias do Parnaso começaram apenas entrou na capital, ou pouco depois; e procederam da sobranceira e mudavel condição do seu caracter. Na bôca d'elle o elogio andava tão perto da satyra; e a intenção de dominar, de sobresaír, e de escurecer os outros declarava-se tão altiva e intolerante, que as dissensões e as rivalidades nasciam umas das outras, distrahindo-lhe a intelligencia em pug-

latos inglorios, e prejudicando-lhe o credito não poucas vezes pelas represalias, em que se excedeu. Desde o padre José Agostinho, desde Curvo Semmedo e o abbade de Almoester, até ao inoffensivo e rasteiro alcaide das trovas, José Daniel, o latego da satyra alcança a todos, e deixa-os assignalados de vergões eternos. O numero das victimas foi consideravel; e o que deve censurar-se ainda mais, os seus amigos e bemfeitores não escaparam, figurando a par dos zoilos despreziveis, e de invejosos reptis, apenas dignos da risada da Nemesis, que os flagellou!

Para se avaliar este conflicto, que fez estrepito, e se enlaça como episodio integrante na carreira de Elmano, é necessario expôr as cousas desde a origem. A historia da nova Arcadia não pôde separar-se da vida do poeta sem esta ficar confusa e incompleta.

Quando se erigiu a primeira Arcadia estava-se n'uma epocha de decadencia; e baldados foram os maiores esforços, as melhoras enganosas passaram depressa; e viu-se a corporação durando menos do que os fundadores. Obra dos individuos e não do pensamento geral, sequestrou-se da sociedade a pretexto de a corrigir; poz o typo da reforma litteraria na imitação classica; e expirou sem verdadeiro echo com a perda do Garção e do Quita, e depois do silencio do Diniz. Entre a sua queda e a geração, de que Bocage e Macedo foram representantes, raros engenhos se distinguiram; porque todos os dias se apagavam mais as tradições do gosto. Em presença disto, e desejosos de levantarem uma barreira forte á torrente, que tornava a crescer e a submergir as letras, alguns poetas resolveram unir-se, e de commum acôrdo combaterem a degeneração por meio da critica, e dos bons modêlos. É inutil acrescentar, que o seu horisonte ainda abrangia menos, que o dos antigos Arcades; e que os successores do Garção tinham os hombros fracos, e a respiração bem curta para tamanha empreza, sobre tudo em epochas de transição, nas quaes a anarchia não escuta senão uma voz applaudida, e não obedece a quem a não subjuga por um impulso vigoroso.

O bando dos glosadores zumbia com enchames de trovas, e ria-se, entre as palmas irrisorias dos outeiros, das lições impotentes da « Academia das Bellas Letras » ou « Nova Arcadia. » Este senado de vates, para dictar as suas leis, carecia da auctoridade de maiores athletas. A Joaquim Severino Ferraz de Campos, Belchior Curvo Semmedo, Domingos Barbosa Caldas, e outros socios, faltava a estatura necessaria para serem vistos de longe, e a robustez precisa para assentarem as bases de uma eschola. O segundo legounos versos estimaveis; o primeiro foi bem quisto pelas suas qualidades; e o ultimo, mais cantarino do que poeta, tendo o corpo de delicto na sua « Viola de Lereño », longe de merecer uma cadeira na assemblea, devia ser indicado como um dos exemplos vivos da corrupção da arte. José Agostinho, e Elmano, os dous homens de futuro da Academia, podiam de certo, querendo, tomar a direcção, e firmar as columnas do novo templo; mas com as propensões naturaes, e o indomavel orgulho do seu caracter, não tinham nascido para cooperarem juntos, e muito menos para submeterem a liberdade do talento á censura de individuos, reputados seus inferiores. Assim os elementos de ruina introduziam-se desde o principio na existencia da sociedade, e ameaçavam desmembrá-la. Os pontos, em que parecia mais solida a sua organização eram justamente os mais expostos.

Existindo desde 1790 até principios ou meiado de 1793 a « Nova Arcadia » foi a causa, ou mais exacto, foi o pretexto da guerra entre os vates. Tinha sido eleito protector perpetuo o conde de Pombeiro, de-



pois marquez de Bellas; e em attenção a elle fôra nomeado presidente o padre Caldas, seu hospede e commensal. Em uma das salas do palacio é que as conferencias se celebravam todas as quartas feiras, e as obras poeticas, em parte publicadas nos quatro pequenos tomos do «Almanak das Musas», ali se discutiram e approvaram. Nestas reuniões Bocage não poupou os collegas, mostrando tel-os em menos conta do que mereciam. Deslumbrado com os applausos obtidos pelo volume das suas «Rythmas», impresso em novembro de 1791 na officina de Simão Thaddeu Ferreira, (1) arrogou-se o tom despotico e insofrível, que por fim cançou a paciencia de muitos, e offendeu o melindre de todos. Foi-se envenenando a animosidade, até que não cabendo no recinto da academia, saíu para a praça publica; e as hostilidades romperam com tal ardor, que bem denunciava a todos a viveza dos odios.

Não se sabe ao certo quem levantou primeiro o estandarte; mas parece ter sido Bocage no soneto:

Preside o neto da rainha Ginga  
A corja vil, adulatora, insana,

em que são crivados de motejos todos os arcades, sem exceptuar o mesmo conde de Pombeiro. Ha porém opiniões que sustentam a innocencia de Elmano, negando ser elle o auctor, e attribuindo a satyra a Belchior Semmedo, disfarçado no estylo, para provocar o conflicto. Esta versão, por infundada, torna-se nos suspeita; e tanto o testemunho dos intimos do poeta, como a phrase e os toques da poesia, estão accusando a penna de Elmano. Pouco escrupuloso e muito prompto em ceder á ira, o desforço assim lisongeava-o e satisfazia-o; e é mais que provavel até, que as horas lhe parecessem longas, em quanto não mimoseasse com as pateadas do ridiculo os emulos de que o seu orgulho se offendia, e que na sua força despresava. Em todo o caso a contenda começou em 1792; e da parte dos arcades irritados, na frente dos aggressores de Manoel Maria, encontramos o abbade de Almoster, Belchior Curvo Semmedo, e o Dr. França.

José Agostinho tambem não dormia; mas arden-do em invejas, e cego de amor proprio, a vaidade não o fazia menos pesado do que Bocage. Frustradas as diligencias do sr. Bingre, e de Severino Ferraz de Campos para congragar os adversarios, os pastores do Ménalo reuniram-se e proferiram com toda a solemnidade a exclusão de Elmano, julgando-se vingados depois della! A esse tempo o traductor de Ovidio já tinha voluntariamente cumprido a pena, deixando de assistir ás conferencias; mas resentido com o ultrage redobrou os golpes, e amiadou as satyras. «A Nova Arcadia» expirou, desamparada no meio da peleja. A valentia metrica de Bocage, superior a tantos antagonistas, augmentou-lhe a reputação e os admiradores; a confiança que tinha em si cresceu com elles; e o arrojo natural, forti-

ficado pelo exito, d'ahi em diante de nada duvidou e a tudo se atreveu. Este foi o peor dos effeitos do combate. A origem de grandes erros e de muitos re-vezes do poeta não sobe mais longe. Destas primeiras dissensões nunca se apagou da sua alma, nem na dos contrarios, a indelevel nodoa; e por isso os veremos separados e inimigos, gastando o ingenho em luctas obscuras, e offerecendo ao povo o espectáculo lastimoso de taes rixas.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



COSTUMES DA NORMANDIA.

QUANDO, folheando alguns velhos manuscritos, deparámos com os extravagantes toucados que se usaram em antigos tempos, rimo-nos desdenhosamente, e escarnecemos do gosto de nossas respeitaveis avós. Mas se ellas pudessem resuscitar, o que não diriam pondo os olhos, por exemplo, nos alterosos toucados que a nossa estampa representa, e que ainda hoje estão em moda n'uma das mais importantes provincias do imperio francez! rir-se-iam tambem, de certo; mas com igual semrazão á com que nós o fazemos a seu respeito.

E quem sabe! talvez que, se substituíssem aos, pelo menos, vistosos enfeites com que as graciosas habitantes da Normandia enfeitam a cabeça, qual-quer desses chapellinhos que com tanto primor se fabricam em Paris, nos parecessem menos elegantes.

O que é certo que os gostos são relativos; e que achámos preferivel a variedade do trajar porque se distingue um estado de outro estado, e uma provincia de outra provincia, á monotona uniformidade de vestuario, que a civilisação vae introduzindo successivamente, ainda entre os povos mais rebeldes a innovações.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XIII.

*Antes morrer!*

APENAS Gomes Lourenço proferiu estas palavras seguiu-se a ellas profundo silencio. A voz do mancebo

(1) Este volume comprehendia a serie das poesias da primeira mocidade do auctor; as que fizera na India; e algumas já compostas depois da volta. Deu-se á estampa com a designação «Rimas de M. M. de B. do Bocage — Tom. I.» Continha 108 sonetos, 7 odes, 4 canções, 2 epistolas, e 3 idilios. Vendeu-se por 48\$000, e depressa ficou exgotado. Na segunda edição o poeta omittiu muitos dos versos incluídos no exemplar hoje raro da primeira, e ajuntou outros novos, tornando-a assim mais correcta e opulenta.



era severa e triste, mas não denotava cholera; despreso sincero sim, esse conhecia-se no tom, no gesto, em tudo!

De pé, e humilhada a fronte pelo remorso, Martim Paes, coberto de suor frio e convulso, é que parecia o réu; em quanto o cavalleiro de Salzedas, dominando a reunião pela altivez do animo isento, todos diriam que estava sendo o juiz. O odio tinha enganado o rico-homem de Lanhoso. Exposta ao opprobrio pelo mancebo, que o vencêra, a doblez do seu procedimento, e a covardia profunda da sua vingança vi-as elle proprio agora, como lh'as pintára Fr. Munio, ignominiosas e indesculpaveis.

Assim decorreram alguns instantes. Depois, Gomes Lourenço, com o braço erguido e signaes de grande commoção, rompeu exclamando:

— «A minha espada está partida. Podeis usar do fóro de Castella. Tenho pressa de morrer!... Parentes de Lanhoso, eu, um dos Viegas de Riba-Douro, julgo-me deshonrado, respirando o ar que este homem respira!» E dizendo isto apontou para Martim Paes.

D. Froylas levantou-se, e todos os mais com elle. Tirando a espada da bainha vagarosamente, e pegando-lhe pela ponta, apresentou o punho a Gomes Lourenço, dizendo-lhe:

— «Es cavalleiro?»

— «Armado em nome de Deus e de Santiago.»

— «De quem recebeste a pranchada?»

— «De D. Sancho I, rei de Portugal.»

— «Juras dizer a verdade?»

— «Juro.»

— «Então ouve, e ao que te perguntar responderás.»

— «Martim Paes, e vós D. Maria, senhora de Lanhoso, chegae-vos!» continuou D. Froylas. «Conheceis este cavalleiro?»

— «É Gomes Lourenço de Salzedas.»

— «Dizei-me: é verdade que perto do Castro d'Avellans, vos roubou a vosso irmão, e tres dias e tres noites vos teve encerrada no seu castello?»

— «É!»

— «Fez-vos violencia?»

— «Não!»

— «Agora vós, Gomes Lourenço.»

O alferes d'el-rei deu alguns passos para se collocar entre D. Maria e D. Froylas. Os parentes de Lanhoso ficaram da outra parte com Martim Paes, encostado á espada nua.

— «Senhora de Lanhoso, qual d'estes dous que reis seguir? Respondei sem temor. Estaes debaixo da guarda da lança e da lealdade de bons cavalleiros.»

D. Maria hesitou. Friamente, e sem olhar para ella, Gomes Lourenço deu outro passo adiante, dizendo em tom firme:

— «Ha duas horas a vida do corpo e a vida da alma, a honra, e a vingança até offereci-as loucamente a esta dama, que zombou da minha fraqueza, calcando tudo aos pés. Seguia-a, como se vòs com a esperança, e se corre atraz do amor... Sabeis qual foi o premio do meu sacrificio, do que ha de mais santo no coração do homem? Vender-me a cabeça á covardia de Martim Paes!... Senhora D. Maria, eu, que sou cavalleiro e rico-homem, e que vos amei como se adora a Deus, pelos ossos de meu pae e pela cruz da minha espada, juro, que vos não recebia por mulher, ainda que me trouxesseis a corôa de Portugal em dote!»

— «E minha honra não lhe deveis nada!» exclamou ella empallidecendo.

— «A vossa honra? Acaso sois minha esposa ou

minha irmã?... A nodoa quem vol-a estampa no rosto senão a traição? Ficareis com ella; não quero outra vingança.»

— «Gomes Lourenço,» disse ella, «tem piedade de ti; lembra-te...»

— «Entre a vileza de comprar a vida a mulher que me enganou, e a morte, a escolha está feita, prefiro a morte! Vinha receber uma noiva; a esposa é que mudou.»

— «Recusas?»

— «Já disse: a minha mão não se vende, dá-se, e o despreso matou o amor.»

As faces de D. Maria desmaiaram de raiva. Resoluta estendeu o braço a Martim Paes, dizendo tremula:

— «Vingae-me; não vêdes como sou afrontada?»

O irmão e os parentes cruzaram-lhe as espadas sobre a cabeça, e ella ajoelhou. Gomes Lourenço, sorrindo com amargura, encostou-se á mesa sem proferir palavra.

— «Pedes-nos reparação, e estamos promptos para t'a conceder,» disse D. Froylas.

E voltando á mesa pegou no guante direito, e enlaçando o elmo, tornou a collocar-se no seu primeiro lugar. Os mais imitaram-no. Depois em tom severo, acrescentou:

— «Gomes Lourenço, filho e neto de cavalleiros, e rico-homem de Salzedas, offendeste a esta dama. Queres recebê-la por mulher, e quebrar no altar o homicidio que se rompeu entre nós?»

— «Não!» replicou o mancebo resolutamente.

— «Então preferes a guerra?...»

O mancebo não respondeu. D. Froylas, com o braço erguido, o gesto grave, e a voz estridente, proseguiu:

— «Pois bem, seja! haja guerra entre os de Berêdo e Cima-Cávado contigo, e contra os do teu nome! Se passarem por nossas terras, negar-lhes-hemos o sal, a luz, e a agua! Se os colhermos ás mãos serão tratados como traidores. Em nome de Deus e em nome de Christo, os de Lanhoso concedem-te o combate singular á lança e á espada do primeiro até o ultimo. Vencedor és livre; vencido ficas em nosso poder, como réu! Gomes Lourenço, cavalleiro e rico-homem de Salzedas, deshonraste o solar de Lanhoso. Sustento que é um feito vil, e arremesso a luva! Se a não levantares, apregoar-te-hei por villão e indigno de vestir armas!»

E arrojou a luva ao chão; os outros cavalleiros fizeram o mesmo; o guante de D. Martim foi o ultimo, e batendo nas lageas saltou-lhe aos pés. Quando caíu, Gomes Lourenço arredou-o com o sapato, olhando para o irmão de Maria Paes com um ar, em que o escarneo se unia ao despreso.

— «Aceitas o duello a todo o transe?»

— «Não! Na tua raça ha um traidor.»

— «Pela antiga amizade, Gomes Lourenço,» exclamou Tructezindo Ramires; «não me negues um encontro de cavalleiro á lança e á espada.»

— «Esta dama,» disse alto o cavalleiro de Salzedas, «não val o encontro leal de dous cavalleiros.»

Depois, chegando-se a Tructezindo, continuou em voz baixa.

— «Não é a ti, nem a D. Froylas, que o nego; recuso descer a cruzar a lança com o vil que á mercê da minha adaga, quebrou a espada no joelho, e fez de vós algozes seus.»

— «Segunda vez te pergunto,» insistiu D. Froylas; «aceitas?»

— «Podeis matar-me; já respondi!»



— „Pela terceira vez: accitas?“

— „Não!“

— „Estás sentenciado!“

E, calando a viseira, o velho guerreiro calçou o guante, e embainhou a espada. Depois, sentando-se com os mais parentes de Lanhoso, disse em tom lento e solenne:

— „Gomes Lourenço, ajusta as contas com Deus. Tu, que foste cavalleiro e rico-homem, cedes o combate, e partindo a espada entregas-te á nossa vindicta. Os costumes de Lanhoso dão tres horas ao condemnado para se arrepender, e sete palmos de terra para se enterrar. Deus seja contigo e te perdõe! Está fechado o juizo, segundo o fóro dos ricos-homens!“

Levantaram-se. D. Froylas tinha os olhos humidos, e um rubor desusado nas faces. Caminhando para Martim Paes-travou-lhe do braço, dizendo:

— „Este homem fica á tua mercê. Manda-lhe abrir as portas do castello, e por cincuenta annos de combates, juro-te que haveremos d'elle reparação!“

D. Martim, quasi virando-lhe as costas, replicou:

— „Não vos chamei para *traga-mouros*, requeri-vos para juiz. Julgaste. Agora a execução da sentença, a mim é que pertence.“

— „Como a corda pertence ao carrasco!“ bradou o velho com indignação.

— „Fui eu que o condemnei?“

— „Não; mas antes já o tinhas assassinado.“

— „Eu?“

— „Sim! A tua espada ficava deshonrada diante do mundo se a tirasse para ti.“

D. Martim tornou a soltar outra risada feroz, e apartando-se deixou-o sem resposta.

Entretanto Tructezindo Ramires, pallido e convulso, pegava na mão do moço alferes, e dizia-lhe, com os olhos humidos de lagrimas:

— „Gomes Lourenço! É uma dôr d'alma! Não te poderei valer?“

— „Não me queixo de ti, Ramires!...“

— „Porque recusas então o repto?“

— „Aceitando-o, accitava tambem o d'elle. Queres, que, trahido por aquelle covarde, ainda envergonhe mais o nome de meu pae? Olha, Ramires, meu irmão d'armas, a ti digo-t'o, mas só a ti, que me não descobres: assim mesmo ainda a amo tanto! Mais do que nunca talvez; por isso tenho pressa de morrer. Viste-me sorrir com indifferença? Era orgulho! Ouviste-me dizer, que não? Era desespero! Cá dentro nem eu sei o que sentia. O coração a estalar no peito, a dôr a queimal-o, e apesar de tudo a estremecel-a, e as lagrimas a saltarem-me pelos olhos... Bem vês, assim não se vive, é um tormento viver!“

— „Lourenço! O que hei de fazer agora?“

— „Tenho um filho, fructo do amor de um anjo, que tarde conheci, e que levei sem querer á sepultura! Mas eu não a amava, e ella... morreu; e tirando-lhe dos braços o innocente nascido em má hora, e que um raio de luz me descobriu os segredos d'aquelle coração, aonde o affecto viveu de prantes, e audeu de ciúmes até acabar a vida!... Estou pensando o martyrio que a fiz padecer calada! Tructezindo Ramires, meu irmão, se alguma coisa me doe ainda é aquelle filho amanhã sem pae. Promettes consagrar-lhe a amizade que nos uniu?...“

— „Juro, pela doce esperança de minha esposa!“

— „Ramires, tu és amado! Deas abençoou-te. Um abraço de despedida! O ultimo! Agora não tornamos a vêr-nos senão no céu...“

E sem dizer mais nada, fazendo um signal a D. Froylas, o cavalleiro, com D. Nuno que o esperava, dirigiu-se á ermida, para se preparar para a jornada da eternidade. Lá aguardava-o outro espectáculo que, acordando no coração as paixões adormecidas, lhe azedou ainda mais o calix da amargura.

No entanto Tructezindo Ramires adiantou-se para Martim Paes, e medindo-o com olhos desprezadores, disse-lhe:

— „Dei ao solar de Lanhoso o que devia. Ah! fica o sangue do meu segundo irmão por testemunha. Maldito sejas tu, e a tua raça, Judas traidor! Vou apregoar por toda a parte, que n'este ninho infame está a vibora, que suja de pegonha a gloria de toda a cavallaria d'esta terra.“

— „Mentes!“ bradou fóra de si Martim Paes.

— „Ah! minto!“ gritou, ou antes bramiu, o mancebo, encaminhando-se para elle já com meia espada fóra da bainha; mas arrependido parou, de repente e dando uma risada de escarneo, proseguiu:

— „Palavras tuas não affrontam! São como palavras de mulher. Não me lembrava: depois costummas pedir perdão.“

E saiu, virando-lhe as costas.

— „Martim Paes,“ disse D. Froylas: „estamos quites. D'hoje em diante não te conheço; e se alguem se lembrar de que és meu parente, hei de esconder as faces com vergonha!“

E seguido dos cavalleiros desceu a escada, e a cavallo, á direita de Tructezindo, affastou-se do castello.

— „Que deshonra!“ exclamou o irmão de D. Maria, apertando a cabeça entre as mãos.

— „Enganei-te?“ perguntou Fr. Munio, que entrara quando saíam os cavalleiros.

— „A'manhã o nome mais vil das Hespanhas é o teu. Hoje ainda remedeias tudo, perdoando.“

— „Não! Hei de vingar-me d'elles todos!“

— „Adeus, Martim Paes!“ disse o monge, retirando-se vagaroso e triste.

— „Tambem este!“ murmurou o cavalleiro, baixando a cabeça.

Depois deu algumas voltas pela sala com impeto. Estava tão cego e convulso, que não atinava com a bainha da adaga. D'ahi, detendo-se diante de uma fresta, meditou alguns minutos com o dedo curvo sobre a fronte:

— „Ah! se ao menos elle tivesse medo! Se pedisse a vida!“

E pegando n'um apito de prata assobiou duas vezes. Entrou um pagem.

— „Dizei a D. Nuno, que o espera sem demora!“

Em quanto o pagem levava o recado, o cavalleiro passeando desasocegado, murmurava:

— „Quem sabe! Ha de desamparar-o aquella firmeza. Então, oh! então estou vingado.“

N'este instante chegou D. Nuno. A porta da sala fechou-se; e os dous ficaram sós.

(Continúa.)

#### ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

1772 e 1696. — *A praça de Bissau.* — *O Pegiquiti, e as Bajudes.* — *A feira.* — *O faucaz, e a bestialidade.* — *Os mancebos e os valentões.* — *O ilheu do Rei a vista de passaro.* — *O porto de Bantim, as canhoneiras, e o brigue-cscuna Faro.*

#### III.

A PRAÇA de S. José de Bissau (nome que lhe foi posto para lisonjear o amor proprio do augusto pu-



pillo do marquez de Pombal) vista exteriormente, como a estou agora observando, não passa de ser um reducto, sito a distancia de umas oitenta ou cem braças da praia, e feito de boa cantaria de Portugal, com uns cem passos de comprido em cada face, formando assim um quadrado regular, cujos quatro angulos são flanqueados por outros tantos baluartes, que dominavam d'antes o rio, mas que actualmente só dominam um bocado de terra para o lado d'elle. Do centro de cada um d'estes baluartes se ergue magestoso um grande Poilão, frondosa arvore d'estas paragens, cuja sombra é necessaria para proteger a guarnição dos calores insupportaveis do ardentissimo sol dos tropicos. Cerca este reducto uma cava de pequena largura e de menor profundidade, que do lado do sul, para onde olha o portão da entrada; está tão cega que apenas é visivel, e que do oeste apenas terá uns sete ou oito palmos de profundidade, posto que seja mais regular tanto do lado do norte como do de leste. Algumas cannas de milho, já secas, e que ficaram talvez por esquecimento, aqui e acolá, mostram a todos qual é a applicação que dão a este terreno os soldados da guarnição, quando começa a estação das chuvas, e com ella a das sementeiras. E bem fazem elles! que talvez muitos dos que os precederam devessem por mais de uma vez a essa previsão não terem perecido de fome; assim como chegaram a andar quasi nús (1).

Tinha desaparecido ha muitos annos a ponte levadiça. Construiu-se em lugar d'ella uma menos má calçada, por onde, a toda a hora do dia e da noite, podem sair e entrar livremente os soldados da guarnição. Basta para isso que a sentinella faça a vista grossa; e n'um momento o governador e os officiaes podem achar-se n'uma completa solidão, e sem nenhuma especie de defeza contra uma irrupção dos papeis.

As muralhas, que têm uns sessenta palmos de altura, são guarnecidas com vinte e seis peças de diversos calibres, e um obuz; umas de bronze, e as mais d'ellas de ferro. E isto o que resta das cincoenta e uma peças que deviam guarnecer-as, e cuja falta colloca esta praça n'uma situação bem desfavoravel, e realmente á mercê dos proprios negros. O nome de fortaleza que se lhe dá é por tanto uma ironia amarga, ou um pungente epigramma.

Sobre o portão da praça está a casa do governador, pequena habitação com tres janellas de frente, a qual corta a linha horisontal das muralhas, sobre que se ergue esta construcção bastarda e mesquinha, feita de pedra e barro com reboco de cal. E uma lembrança tão infeliz a desta casa em tal lugar, como é a da calçada que substituiu a ponte levadiça; a gloria d'ella não pertence aos primeiros constructores da fortaleza, mas a quem não tinha uma só idéa, e que por mofina deste paiz foi escolhido para governar a Guiné portugueza, ponto de tamanha importancia, e que para não ser uma posição respeitavel, militarmente fallando, e um paiz prospere

ro e riquissimo, foi necessario ter caído nas nossas mãos. A calçada é anterior a 1830; e a casa parece-me que é de 1839, em que a habitação do governador abateu por effeito de uma explosão de polvora, n'um armazem particular proximo da praça.

Esta praça não tem agua, o que indica sufficientemente quão precaria é a situação dos soldados, e de toda a população da aldeia, em tempo de guerra: pois sendo principalmente n'esse artigo que o gentio pôde prejudical-os, tolhendo ou dificultando a sua acquisição, bem se pôde affirmar que toda a que bebem, e que precisam de conquistar, a compram pelo preço do seu sangue. Ha contudo dentro da praça um poço, que *esta secco* dizem que *de tempo immemorial*. Sendo isto assim, o que não duvido, alguma força tem para mim a opinião dos que dizem que a antiga fortaleza estava construida mais abaixo, no sitio que chamam hoje *Pegiquiti*.

Fundo-me para assim o crer em que esta immemorialidade de tempo não pôde referir-se senão posteriormente á erecção da fortaleza, que effectivamente se não construiu no local da antiga, mas n'um outro mais favoravel ao plano e intenções do missionario que lhe deu o risco, posto que se não sabia ao certo a que distancia da primeira, que foi demolida por ordem regia, com a data de 12 de abril de 1702, por parecer desnecessaria; e tambem, se a memoria me não falha, por a sua situação ser desfavoravel. Além d'isto, que me não parece de pouco peso, eu leio na carta que José Pinheiro, o primeiro capitão mór de Bissau, escreveu ao governador de Cabo Verde, Antonio Gomes Mena, em 19 de abril de 1697, estas palavras: «e vendo eu que este gentio não tinha com que nos fazer mal mais que em tolher-nos agua, me resolvi abrir um poço muito largo, que quiz a minha fortuna que em quatro braças e meia achei agua com abundancia, a melhor que tem hoje o Bissau para beber, isto dentro da fortaleza...» Ora, não me parece crível que, achando-se a tão pequena distancia do Pegiquiti, como forçosamente havia de estar, não preferisse ir construir a fortaleza mais adiante alguns passos, despresando as obras começadas annos antes, ou que ao menos o não communicasse com ella, defendendo-o por uma tabanca; além d'isso, custa-me a conceber como é que o novo poço, a tão pequena distancia do antigo, e apresentando tanta abundancia de agua, como se diz na carta, apenas foi aberto, não fizesse estancar aquelle, e fosse pelo contrario este o que seccasse annos depois, visto que hoje não só não restam d'elle os menores vestigios, mas nem ao menos lembranças.

A agua, que os habitantes portuguezes de Bissau empregam para os usos ordinarios da vida, e alguns mesmo para beber, vae-se buscar ao Pegiquiti, que é um poço, ou melhor, uma grande escavação, onde se apauha a agua muito facilmente, e que fica uns cem passos da praça; esta agua não é agradável ao paladar pelas camadas de terra schistosa, e de vasa que tem de atravessar, ainda que a creença geral e de que esse máu gosto, que se lhe encontra, provém de se irem ali banhar as *bajudes*, e por isso recomendam que para a tornar mais saborosa se lhe misture algum acido, como limão etc. ou que a ferrem com um ferro em braza; mas apesar d'este sabor desagradavel não consta que seja doentia. E de tamanha utilidade este poço a toda aquella população, que os negociantes de Bissau offereceram-se em 1846 para pagar um tributo imposto sobre as suas lojas, para se applicar parte do que produzisse aos reparos e conservação do mesmo; o que o governo da provincia accitou, ainda n'esse anno, e o de Sua Magestade confirmou ha um anno, pouco mais ou menos

(1) Mr. Mollien, que aqui esteve em 1817 ou 1818, diz o seguinte: «A guarnição (de Bissau) é composta em grande parte de negros e de mulatos, e de um pequeno numero de brancos. Estes soldados não têm sapatos nem uniforme: uns trazem barretes ou chapéus redondos, outros andam mettidos em vestes feitas de chita de grandes ramagens; e a maior parte andam cobertos de farrapos: seu soldo consiste em algumas folhas de tabaco que se lhes dão todos os dias, e com que compram arroz e fructas do paiz; não comem pão, nem carne, e só bebem agua.»

(*Voyag. dans l'inter. de l'Afrique*, tomo 2.<sup>o</sup>, pag. 245.)



(1849). As pessoas ricas, ordinariamente, provêem-se de agua para beber de uma fonte que se chama de El-Rei, que dista da praça uma milha, pouco mais ou menos, e que por isso está em poder do regulo de Bandim, a quem pertence o chão. Esta agua é agradável ao gosto, e tambem não é insalubre.

*Bajudes* é nome que, em toda a Senegambia meridional, se dá ás mulheres em quanto não casam, ainda que tenham vinte ou mais annos, e corresponde por tanto ao nosso termo de *donzellas*. A bajude anda completamente núa; e sómente as das povoações christãs, ou as que estão com estas em mais intimas relações, usam de um cinto de missangas, que ás vezes é enfiado com lindos desenhos de variadas côres, e com muita curiosidade, e outras adornado de guizos e vidrilhos; deste cinto, que se prende sobre os rins, cáe por diante uma banda de algodão tecido em Geba (a que se chama por isso panno de Geba,) com um palmo, pouco mais ou menos, de comprimento, e quatro ou seis pollegadas de largura; porém as mais ricas usam, em vez de pannos, de umas bandas largas de missanga do mesmo lavor e materia que os cintos.

Estas raparigas costumam ir nadar pela manhã, se a maré está cheia; e de tarde banharem-se no Pigequiti, o que é para ellas motivo de muito folgar, como é natural e proprio de sua idade.

No outro dia logo ao amanhecer não me foi possível conciliar o somno, tamanha era a algazarra que se fazia debaixo da minha janella, que como já disse deitava para a feira. Levantei-me, e abri a janella. Assim que lancei os olhos para a esplanada não me admirou o barulho, e pelo contrario pareceu-me proporcionalmente menor do que era de esperar á vista do que tinha notado na manhã antecedente, ao entrar em casa. Que se figurem perto de duas mil pessoas, ou talvez mais, de todas as idades, sexos e tribus, umas a fallar alto, outras a cantar, as creanças a chorarem, estes chamando em gritos, aquelles respondendo do mesmo modo, aqui fazendo-se ajustes, ali queixando-se dos generos, e um perpassar incessante de gente de um lado para o outro; o estrondo das armas, o som surdo das cuias, e de diversas vasilhas de barro... tudo isto fazia um tal ruido que ensurdecia, e azoïnava quem não estava acostumado a elle.

Aqui vi a variedade e a abundancia de produções que acodem ao mercado, posto que estes negros tragam cada um mui pouco de todos os que vem vender: eu vi arroz, peixe fresco, e defumado; mariscos, leite, ovos, gallinhas, lenhas, café, duas especies de inhame, batata doce, mandioca, feijão, milho, milhinho, caça miuda e grossa, azeite de palma, côco, differentes animaes vivos, como periquitos, macacos de focinho de cão, outros de cara branca, chamados fidalgos, camaleões etc.; e de fructas, a banana, o cajú, a papaia, grande como um melão ordinario, o tamarindo, e uma que parece cerejas, e a que dão esse mesmo nome; a goiaba, a fructa do conde, ou pinha, além de outras muitas, que são sylvestres, e de que os brancos não fazem uso.

Nestas transacções não se emprega a moeda, não sei se por a não haver, se porque o gentio a recusa, como se me disse, e eu creio; porque desejando comprar um camaleão, perguntei quanto queria por elle o preto que m'o offereceu, e respondeu-me que tres folhas de tabaco, e dando-lhe eu um patacão de bronze, riuse muito e não quiz recebê-lo; foi-me pois necessario pedir ao dono da casa que desse as tres folhas de tabaco, o que elle fez, recebendo-as o preto com visíveis mostras de contentamento. Depois soube que o

preto me vendêra o animalzinho muito caro. Provavelmente conheceu que eu era calouro na terra, e quiz-me fazer pagar a patente pela fórma que isso lhe era possível. Em Portugal tambem se fará o mesmo aos estrangeiros? creio que sim.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

## CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

### NOVA FABRICAÇÃO DA STEARINA POR MEIO DA DISTILLAÇÃO.

*Apparelho dos corpos gordos — por mr. D. C. Knab.*

PÓDE usar-se de um qualquer refrigerante, mas aquelle ao qual se deve dar a preferencia, é composto de uma tina de couro immergeida em um vaso exterior cheio d'agua fria, e guarnecida no interior de repartimentos, dispostos alternativamente, tanto em cima, como em baixo, e de menor altura do que a da tina, a fim de que as materias gordas em vapores venham alternadamente tocar sobre as superficies frias.

A tina exterior está dividida em duas partes, cada uma d'ellas provida de uma corrente distincta d'agua fria.

Tanto que os vapores das materias gordas, e o vapor da agua se têm condensado, os differentes pesos especificos permitem com a maior facilidade a separação das materias liquidas gordurosas da agua; e pelo que respeita ao sebo e outros corpos gordos susceptiveis de se tornarem concretos em razão de uma diminuição de temperatura, conservam-se estes no estado fluido com a introdução de um jacto de vapor.

### PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DO OLEO DE PALMA E SUA PURIFICAÇÃO.

Todos sabem que o oleo de palma é uma materia semi-concreta, de côr amarella e de agradável aroma: este oleo, que é oriundo da Africa, não tem até o presente sido empregado além da fabricação do sabão denominado de *toucador*.

(Continúa.)

— Quando os justos se engrandecem, o povo se alegra; mas quando o impio domina o povo suspira.

SALOMÃO — PROVERBIOS.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.º 227 e 228, o tomo 1.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém mais de 450 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.